Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo **Class.:** Avá-Canoeiro 21

Data: 14.11.73 **Pg.:**

Carne muda, sem pressoes

Mário Chimanovitch
Enviado Especial

RIO JAVAÉS, GOIÁS — Será essa, talvez, a dos Avá-Canoeiro, uma das maiores tragédias indígenas do Brasil contemporaneo. Acuados entre dezenas de grandes latifundios no Norte goiano, esses índios, reduzidos a não mais de 60 elementos para sobreviver numa região onde a caça é praticamente inexistente e o boi domina quase toda a paisagem, têm que saquear as fazendas matando gado e devorando-o às pressas no cerrado, antes que qualquer grupo de vaqueiros decididos os surpreenda.

Nessas circunstancias, que transformaram o Avá-Canoeiro num indio completamente diferente dos até hoje conhecidos, o trabalho do sertanista Apoena de Meirelles, decorridos apenas dez dias de sua execução, já se afigura como um dos mais dificeis de toda a história de pacificações do extinto SPI à atual Funai. Apoena pressente que esse índio é um ser permanentemente consciente do perigo que o branco representa. Ao contrário dos kranhacarore, por exemplo, que se manifestaram alegres e dóceis ao contato com os Villás Boas, os avá-canoeiro, imagina ainda o sertanista, relutarão bastante antes de se decidirem a aceitar e crer na amizade do branco, que o perseguiu, dizimou e agora o confina esfomeado entre o arame farpado dos latifundios.

Depois de uma estafante viagem de mais de 900 quilômetros a partir de Goiania, sobre um velho jipe cheio de carga e homens, o sertanista, com uma equipe de quatro pessoas — um auxiliar e três jornalistas — estabeleceu sua base de operações na sede da Agropecuária Canuanã, do Bradesco, às margens do rio Javaés, no município de Formoso do Araguaia. A expedição foi recebida com certo jubilo pelos moradores e trabalhadores da grande fazenda, pois os índios ali são apontados como cruéis raptores de crianças, saqueadores do gado das propriedades e que não hesitam, também, em disparar suas flechas de ponta de metal sobre qualquer descuidado vaqueiro que se perca no imenso cerrado.

Otimista, Apoena resolveu, logo após instalar o acampamento, explorar a pequena extensão de matas poupadas na fazenda, ao longo de alguns trechos do Javaés. Antes procurou ouvir algumas pessoas que juravam ter visto os avá a menos de dez metros de distancia, pintando-os como criaturas aterrorizantes, de vastas cabeleiras, pele negra como carvão e olhos enormes, quase saltando das órbitas.

O primeiro a ser ouvido foi o vaqueiro Antonio Maria e sua mulher, Zilda, que residem a cerca de 8 quilômetros da sede da fazenda, num retiro de gado que a Canuanã arrendou à Funai, localizado na reserva dos índios Javaés. O vaqueiro e sua mulher juraram ao sertanista, invocando vários santos, que há mais de uma semana os Avá vinham rondando seu tosco barracão, permanentemente cheirando a estrume. Contaram que os índios chegavam geralmente ao entardecer, antes que Antonio voltasse do pasto, e divertiam-se em remover objetos de lugar, atirar pedras sobre o telhado do barraco e emitir sons assustadores:

— Imagine o senhor — contou Zilda — que os danados chegaram até a forçar as portas e janelas e pelas frestas vi que são muito feios mesmo. Apavorada apanhei o revólver de meu marido e disparei os seis tiros para cima, dentro de casa, na esperança que eles se assustassem ou alguém ouvisse os disparos e viesse me socorrer. Qual nada !Fizeram o que quiseram e depois foram embora.